

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades



Atena
Editora
Ano 2021

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Elói Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenología & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Letras: representações, construções e textualidades

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L649 Letras: representações, construções e textualidades /
Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-184-5
DOI 10.22533/at.ed.845210706

1. Letras. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de
(Organizador). II. Título.

CDD 401

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Em **LETRAS: REPRESENTAÇÕES, CONSTRUÇÕES E TEXTUALIDADES**, coletânea de vinte capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, nesse volume, três grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos literários; estudos em adaptação e tradução; e outras temáticas.

Estudos literários traz análises sobre identidade cultural, memória, resistência, feminino, ecocrítica, cultura, regionalismo, história, poesia, prosa, turismo e literatura.

Em estudos em adaptação e tradução são verificadas contribuições que versam sobre literatura e teatro, além de mitologia andina.

Outras temáticas congrega estudos sobre arquitetura do espaço escolar e sociologia das ausências.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
IDENTIDADE CULTURAL EM TRÂNSITO: UM OLHAR A PARTIR DO CONTO “RÉPLICA” DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE	
Maria do Socorro Souza Silva	
Maria Lidiana Costa	
DOI 10.22533/at.ed.8452107061	
CAPÍTULO 2	13
LITERATURA, MEMÓRIA E RESISTÊNCIA: APROXIMAÇÕES ENTRE CONCEIÇÃO EVARISTO E MÁRCIA KAMBEBA	
Lívia Verena Cunha do Rosário	
DOI 10.22533/at.ed.8452107062	
CAPÍTULO 3	25
O CONCEITO DE RESISTÊNCIA PRESENTE NO CONTO <i>ANACONDA</i> , DE HORÁCIO QUIROGA: UMA ANÁLISE DA LITERATURA LATINA SOB O VIÉS DO PÓS-COLONIALISMO	
Geovani Augusto Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.8452107063	
CAPÍTULO 4	32
“LOS CONVIDADOS DE AGOSTO”: SIMBOLISMO Y TRANSGRESIÓN FEMENINA	
Karina Reis de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.8452107064	
CAPÍTULO 5	37
A VISÃO ECOCRÍTICA DE MIYAZAKI EM PRINCESA MONONOKE	
Nicole Torres Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.8452107065	
CAPÍTULO 6	51
DISCURSO E IDEOLOGIA EM ANGÚSTIA: UMA BREVE ANÁLISE	
Larissa Xavier de Oliveira	
Maria de Lourdes Rossi Remenche	
DOI 10.22533/at.ed.8452107066	
CAPÍTULO 7	62
ALENCAR CULTURA E IDENTIDADE EM <i>TIL</i> : UMA ABORDAGEM DISCURSIVA	
Micheline Tacia de Brito Padovani	
DOI 10.22533/at.ed.8452107067	
CAPÍTULO 8	73
O REGIONALISMO REVISITADO NA AMAZÔNIA: BELÉM DO GRÃO PARÁ E DOIS IRMÃOS	
Damaris de Souza Silva	

Veronica Prudente Costa
Rosidelma Pereira Fraga
DOI 10.22533/at.ed.8452107068

CAPÍTULO 9..... 89

SAMBAÍBA DESCREVE AS VIVÊNCIAS DO SERTÃO PIAUIENSE: FONTES IBIAPINA À LUZ DAS TEORIAS DE LUKÁCS E BENJAMIN

Layane Rodrigues dos Santos
Raimunda Celestina Mendes da Silva

DOI 10.22533/at.ed.8452107069

CAPÍTULO 10..... 101

MISÉRIA E “MAU GOSTO” EM RODOLFO TEÓFILO E LUÍS ROMANO

João Luiz Xavier Castaldi

DOI 10.22533/at.ed.84521070610

CAPÍTULO 11 112

PROSTITUIÇÃO NO RIO DE JANEIRO: LITERATURA E HISTÓRIA DO SÉCULO XIX

Tamara Cecília Rangel Gomes
Ethmar Vieira de Andrade Filho

DOI 10.22533/at.ed.84521070611

CAPÍTULO 12..... 116

DIZER O INDIZÍVEL: OS NEGROS E A ESCRAVIDÃO NO DISCURSO DE VIAJANTES ARGENTINOS AO BRASIL

Lyanna Costa Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.84521070612

CAPÍTULO 13..... 128

FUTEBOL, POLÍTICA E CULTURA NO CONTO “JÁ PODEIS DA PÁTRIA FILHOS”, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

Lucas Santana Viana Pontes

DOI 10.22533/at.ed.84521070613

CAPÍTULO 14..... 136

SOB A PELE DAS PALAVRAS: ANÁLISE DE UM POEMA DE MICHELINY VERUNSCHK

Natália Tano Portela
Danilo Santos Fernandes

DOI 10.22533/at.ed.84521070614

CAPÍTULO 15..... 143

O DIÁLOGO INTERTEXTUAL IMPLÍCITO EM CONTOS DE CLARICE LISPECTOR

Igor Azevedo Bezerra

DOI 10.22533/at.ed.84521070615

CAPÍTULO 16	158
TURISMO E LITERATURA: A EXPERIÊNCIA PORTUGUESA	
Eva Maria Marques Milheiro	
DOI 10.22533/at.ed.84521070616	
CAPÍTULO 17	169
A ADAPTAÇÃO TEATRAL: EFEITOS DE SENTIDO DA OBRA LITERÁRIA NO TEXTO DRAMÁTICO	
Maria Clara da Costa Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.84521070617	
CAPÍTULO 18	184
TRADUÇÃO COMENTADA DA MITOLOGIA ANDINA “URSO RAPTOR” DIALOGANDO COM BELÉN	
Lilian Cristina Barata Pereira Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.84521070618	
CAPÍTULO 19	193
DO CONCEITO DE ESPAÇO: UMA REFLEXÃO A CERCA DA ARQUITETURA DO ESPAÇO ESCOLAR	
Francisca Rodrigues Lopes	
Marcos Rafael Monteiro	
DOI 10.22533/at.ed.84521070619	
CAPÍTULO 20	205
A SOCIOLOGIA DAS AUSÊNCIAS DE SANTOS E A CEGUEIRA DOS SABERES DE MORIN PELO VIÉS DOS REGIMES DE INTERAÇÃO DE LANDOWSKI	
Wiliana Carneiro Carvalho	
Noelma Oliveira Barbosa	
Bruno Gomes Pereira	
Juscelino Laurindo dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.84521070620	
SOBRE O ORGANIZADOR	220
ÍNDICE REMISSIVO	221

DO CONCEITO DE ESPAÇO: UMA REFLEXÃO A CERCA DA ARQUITETURA DO ESPAÇO ESCOLAR

Data de aceite: 01/06/2021

Data de submissão: 07/03/2021

Francisca Rodrigues Lopes

Universidade Federal do Tocantins - UFT
Campus de Tocantinópolis-TO
<https://www.cnpq.br/4331475763408397>
<https://orcid.org/0000-0003-4412-3523>

Marcos Rafael Monteiro

Instituto Tocantinense de Educação e
Pesquisa-ITOP
Palmas-TO
<http://lattes.cnpq.br/839360259220939>
<https://orcid.org/0000-0003-0187-8205>

RESUMO: Refletir acerca da arquitetura do espaço escolar, considerando o conceito de espaço, os elementos semióticos do espaço, assim como as mudanças trazidas pela modernidade sobre o que constitui espaço escolar hoje, é o objetivo deste texto. As reflexões apresentadas são descendentes de outros estudos, sendo dois trabalhos dissertativos e outras publicações que verteram seus olhares sobre a semiótica do espaço escolar, com o intuito de analisar a dinâmica da significação do espaço e sua conceituação no universo arquitetônico. A metodologia utilizada foi a de um estudo teórico sobre o conceito de espaço abarcado pela ciência arquitetônica, sem, contudo, desconsiderar os princípios básicos da educação. A base teórica assentou-se em Pierce e Santaella para entender o lugar os signos e das significações;

e Artigas, Carpintero e Zevi, entre outros, para a compreensão do conceito de espaço. Concluiu-se que linguagem é o invólucro que faz com que a percepção do conceito de espaço e do espaço escolar seja formada e, sobretudo, moldada pelas necessidades e anseios do homem.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço. Espaço Escolar. Linguagem. Semiótica.

FROM THE CONCEPT OF SPACE: A REFLECTION ABOUT THE ARCHITECTURE OF THE SCHOOL SPACE

ABSTRACT: Reflecting on the architecture of the school space, considering the concept of space, the semiotic elements of the historically constructed school space, as well as the changes brought about by modernity about what constitutes school space today, is the objective of this text. The reflections presented here are descended from other studies, two dissertation works and other publications that have revealed their views on the semiotics of the school space, to analyze the dynamics of the meaning of space and its conceptualization in the architectural universe. The methodology used was that of a theoretical study on the concept of space that emits architectural science, without, however, disregarding the basic principles of education. The theoretical basis was based on the theories of Pierce and Vygotsky to understand the place of signs and meanings; and Artigas, Carpintero and Zevi, among others, for the understanding of the concept of space. It was concluded that language is the wrapper that makes the perception of the concept of space and school space be formed

and, above all, shaped by the needs and longings of man.

KEYWORDS: Space. School Space. Language. Semiotics.

1 | INTRODUÇÃO

A urbe em que os seres habitam e que, continuamente, a modificam surgiu dos processos e das experiências de significação e ressignificação relacionadas aos constructos necessários à árdua tarefa de narrar as vivências sociais. As inúmeras transformações a que se expuseram os homens ao formarem grupos sociais conduziram a modificações ao meio, em um processo cíclico em toda a história e sem precedentes na atualidade. O homem, lobo do homem, destrói para que se permita sobreviver. E assim ocorre com o meio no qual se habita e com os espaços que são ocupados.

A problematização do passado, em um movimento de *in-out*, se faz encarnado nas lembranças e na imaginação. Nesse sentido, a presença do passado é uma construção impressa na realidade desse mesmo passado, como um jogo de valores no presente e nas expectativas do futuro, ainda que a ideia de tempo seja fruto de idiosincrasias, como um jogo de esquecimentos e lembranças. E neste jogo, o meio apresenta-se como peça fundamental, pois são as necessidades impostas pelo meio que obriga o homem a adaptar-se, em um processo contínuo de sobrevivência social.

Desse modo, perceber a cidade da atualidade e a condição do humano inserido nela, enquanto espaço intergerencial, é um exercício um tanto quanto audacioso, mesmo porque a cidade é fruto das percepções dos sujeitos. A cidade moderna, multifacetada e de ritmo frenético produz tipos específicos e os comporta como partes de si mesma. Cada um, a seu modo, e todos em particular, seguem pela cidade produzindo e reproduzindo sua forma de ser caracteristicamente determinada pela condição mesma do urbano (MONTEIRO, 2006). É nesse contexto que a circulação, “princípio estruturante da modernidade, possibilita a emergência do *flâneur*” (grifo do autor) (ORTIZ, 2000, p. 21).

A fim de não perder de vista o escopo deste estudo, é importante destacar, acima de tudo, a representação do meio ambiente “trabalhado” para uso dos grupos humanos, sendo, portanto, o “espaço da vida”, ou ainda, como afirma Svensson (1992, p. 35), citando Marx, o “*locus standi*”, que expressa o lugar em que se está, no qual se atua, e este é o espaço vivencial.

Este espaço, entretanto, não existe dissociado das condições naturais. Não há uma oposição entre o meio natural e o espaço humanizado, um sucede ao outro formando uma estrutura de evolução combinada que pode ser definida como sendo: Espaços submetidos ao uso intensivo e praticamente contínuo, inteiramente modificados; Espaços semitransformados que conservam o essencial das estruturas “naturais”, cuja evolução é controlada pelas intervenções antrópicas; Espaços intermediários submetidos a fases alternadas mais ou menos longas, de uso e desuso.

O espaço humanizado, tal como apresentado anteriormente, é, ao mesmo tempo, uma realidade ecológica e uma criação do homem, “dotado da razão, pode se elevar acima do restante da constituição dos lugares, e compreender e intervir, modificando o espaço maior da natureza, recompondo-o através da conformação dos lugares para sua presença e ação.” (SVENSSON, 1992, p. 35-36). No tocante ao espaço escolar, estar nesse espaço, inserido na sociedade, significa estar em transformação, significa a aquisição de experiências culturais e sociais de determinados tempos, pessoas, meios e significações.

Além de mera representação de uma “estrutura espacial”, o espaço escolar humanizado é também um “sistema” integrado e funcional, onde todos os elementos são dinamicamente solidários e, portanto, indissociáveis. Este espaço, integrado e funcional, encerra pessoas com olhos de ver o mundo, e conseqüentemente, de estruturas de representação. A análise dessas representações espaciais deve levar em conta o fato deste tipo de espaço ser, através dos tempos, o meio ambiente natural e mental dos grupos humanos. O espaço humanizado molda a paisagem e abarca a sociedade sobre ela mesma.

As reflexões apresentadas, neste artigo, sobre o conceito de espaço e de espaço escolar, são resultantes de dois trabalhos dissertativos já concluídos¹, por um dos autores, os quais buscaram compreender os significantes e significados semióticos que perpassam ao universo do espaço arquitetônico no contexto da cidade e no espaço escolar. Para este texto, aportou-se parte da metodologia de uma pesquisa teórica sobre os conceitos de espaço, considerando os elementos que o envolve, e uma análise semiótica do espaço onde os sujeitos estabelecem interação mediada por tudo que cerca o fazer pedagógico.

O conceito de espaço, apresenta-se, assim, como um problema a ser elucidado na consecução deste trabalho. Através de uma visão macro espacial, verte-se olhares para as categorias de enunciação, seus elementos de representação e os processos de interpretação destas mesmas categorias, especificamente aquelas utilizadas na interpretação dos espaços, notadamente os espaços escolares, por julgar que essas categorias, ou estruturas espaciais, representam a capacidade do homem de adaptar-se ao meio.

A percepção humana, ou como ver-se o mundo, está indissociavelmente ligada à maneira de falar e historicamente ligado a uma práxis social, construída nas relações em comunidade. São os modelos ou padrões perceptivos com os quais os indivíduos enxergam o mundo. São os estereótipos, pelos quais vislumbra-se uma realidade que até parece ser real. Fabrica-se, portanto, uma realidade e acredita-se vê-la com os próprios olhos, ou com os olhos sociais. Somos, como disse Foucault (1995), “o resultado dos discursos que nos constroem”.

Os discursos são a expressão da sociedade contemporânea, onde percebe-se um intenso processo de resignificação das experiências culturais, fruto do choque intersemiótico

¹ Mestrado acadêmico em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (2006) e Mestrado Profissional em Educação, pela Universidade Federal do Tocantins (2020).

das diferentes comunidades que a compõe. Os discursos são as representações de sensibilidades e dos desejos humanos, que vão além do ser, e constroem, assim, a sua face de identidade e realização. Nesse aspecto, ao se entender que a linguagem não é só reflexo, reprodução ou reiteração da práxis, mas que ela pode também desenvolver uma ação dialética e criativa, de forma a desagregar os estereótipos de nossa percepção, pode-se inverter a posição e observar que a cultura pode ser transformada ou recriada pela ação criadora da palavra.

Neste sentido, concluiu-se que o espaço escolar é permeado por uma linguagem subjacente, em que os códigos são decifrados nos exercícios de repetição das ações educativas de seus partícipes. É um espaço onde tudo fala, não só com palavras, mas através de signos, símbolos e ícones carregados de ideologias, desde os modelos arquitetônicos pré-concebidos como sendo ideais para a estrutura física escolar, até a organização das salas de aulas, as cores das paredes, os uniformes, as escolhas curriculares e a postura dos professores.

As reflexões sobre o conceito de espaço e espaço escolar neste artigo se encaminham, primeiramente, através do olhar da semiótica e da teoria dos signos e suas significações; em seguida apresenta-se um apanhado sobre conceito de espaço e sua relação com a linguagem e a arquitetura e, por fim, reflete-se o espaço escolar historicamente construído. Contudo, não se pode deixar de pensar que toda discussão a respeito do conceito de espaço e de espaço escolar, vem sofrendo profundos impactos a partir da Pandemia do Covid-19, que promoveu, a partir do ano de 2020 até agora, novas estruturas de convivência tanto nas cidades como nas escolas.

2 | O CONCEITO DE ESPAÇO PELO OLHAR DA SEMIÓTICA E DA TEORIA DOS SIGNOS

Toda experiência humana perpassa ao espaço, logo, não seria impróprio afirmar que toda investigação que se utilize da semiótica abrange, virtualmente, diferentes áreas do conhecimento humano envoltas em linguagens, ou mesmo um sistema de significação, pois é no espaço que as significações tomam corpo. Recorrer à Semiótica é, então, alargar o olhar de modo que permita ao espectador compreender as coisas como são, para além da mera aparência.

Os símbolos ou códigos são mediações que servem para que se possa lidar com os objetos, com as situações e até mesmo com outros símbolos. De igual modo, os termos, as palavras, o léxico, são símbolos que representam os conceitos, as imagens mentais e, conseqüentemente, os próprios objetos.

Signos não são coisas concretas, mas são criadas como parte do ato de pensar. Assim, a imagem que se tem de um objeto não é o próprio objeto, mas uma faceta, uma qualidade do que se sabe sobre esse objeto. Não se concebe as imagens como estáticas,

pois, de qualquer maneira, constituem-se a forma como, em momentos diversos, percebe-se a vida social, a natureza e as pessoas que as circundam: construídas no universo mental, superpõem-se, alteram-se e transformam-se.

A práxis simbolizadora de transformação está intimamente ligada às práticas sociais, uma vez que, através dessa representação social, as ações humanas ganham referência para seu desenvolvimento, deixando de ser puramente casuais ou simples resultados de forças mecânicas da natureza.

Os resultados das práxis humanas e das ações da natureza ao longo dos tempos vão se transformando em signos carregados de significados, históricos e culturais a serem desvendados e modificados pelos homens de outras gerações. E o estudo do processo de construção dos signos, símbolos e seus significados e representações, sobre olhares variados, dá-se o nome de semiótica.

A semiótica não é a uma chave mestra que abrirá as portas do entendimento dos processos sógnicos. Ela é uma linha de análise a ser seguida, como um mapa lógico que, sob diferentes aspectos, traça diferentes linhas de pensamento e novos olhares que formam novos signos. Isto é o que se pode perceber ao adentrar aos estudos dos signos a partir da Semiótica de Peirce e das significações na perspectiva vigotskyana.

A teoria semiótica, e os elementos que a envolve, foi descrita gradativamente por C. S. Peirce (1839-1914) em vários ensaios, e é no interior dessa teoria que encontra-se a definição de Semiose, ou a ação dos signos, isto é, como os signos funcionam e operam e ainda uma interpretação do signo. Muitos estudiosos aprofundaram estudos e elaboraram outras teorias a partir dos escritos de Peirce. Um dos mais consagrados é o livro “Teoria Geral dos Signos: Como as linguagens significam as coisas”² escrito por Santaella. Nesta obra, a autora sistematiza a teoria dos signos de Peirce nas seguintes palavras:

Um signo é qualquer coisa que está relacionada a uma segunda coisa, seu objeto, com respeito a uma qualidade, de tal modo a trazer uma terceira coisa, seu interpretante, para uma relação com o mesmo objeto, e isso de maneira tal a trazer uma quarta para a relação com aquele objeto da mesma forma, ad infinitum. (Apud SANTAELLA, 2004, p. 18).

Essa tríade conceitual de signo produz sempre uma nova conceituação, ou interpretação, de signo. E a capacidade do signo de gerar novos interpretantes é parte lógica da geração dos signos, isto é, geração ininterrupta e infinita de signos.

Dessa forma, Peirce enfatiza que as interpretações que são dadas aos signos, sejam eles arquitetônicos ou linguísticos, são signos-interpretantes parciais. Parciais na medida em que seus interpretantes se multiplicam no correr da história, quando são criados novos interpretantes na tríade sógnica descrita por Peirce.

O objeto da representação não pode ser outra coisa senão uma representação da qual a primeira representação é um interpretante. Mas uma série infinita

2 A primeira versão desta obra foi publicada em 1995, pela editora Ática, e intitulava-se: Teoria geral dos signos: semiose e autogeração.

de representações, cada qual representando a que está atrás de si, pode ser concebida como tendo um objeto no seu limite. O significado de uma representação não pode ser senão uma representação. De fato, não é nada mais do que a representação [...]. (PEIRCE, Apud SANTAELLA, 2004, p.19).

Assim sendo, o significado dado à determinada forma – construção – vai depender diretamente da interpretação que lhe é dada, e, por sua vez, essa interpretação é dada de acordo com o meio, que lhe força a tomar novo significado, dando início, novamente, a tríade Peirceana.

Peirce oferece outra definição de signo que parece clarear mais o entendimento, ao afirmar que “O signo é um veículo que comunica à mente algo do exterior. Aquilo em cujo lugar o signo está é denominado seu objeto; aquilo que o signo transmite, seu significado e a ideia que ele provoca, seu interpretante (Apud SANTAELLA, 2004, p. 28).

Então, o ato interpretativo de um signo é um caso especial de um interpretante, que é de natureza social. Por outro lado, um signo só pode funcionar como tal porque representa, de uma certa forma, seu objeto, ou, ainda, no processo de formação de significado que é dado a determinado objeto arquitetônico, seu significado parte da refração do signo em si mesmo, sob o olhar atento do interpretante.

Na relação entre sujeito (interpretante) e objeto (interpretado) vão sendo criadas representações sígnicas que, por conseqüente, se solidificam na forma como o sujeito traduziu e/ou representou o objeto (abstrato ou físico) e deu a ele, o objeto, um lugar no espaço – e no tempo.

Aplicando a teoria dos signos, de Peirce, a uma semiótica arquitetônica, e neste caso, a arquitetura do espaço escolar, tal processo irá revelar características gerais. Com efeito, a Semiótica Peirceana possui capacidade para descrever e explicar aqueles objetos que envolvem processos de representação, comunicação e significação, de uma forma compreensiva e extensiva. A realidade, no entender de Peirce, está cheia de signos, não havendo uma efetiva distinção entre um mundo de fenômenos sígnicos e um mundo de fenômenos não-sígnicos.

A Semiótica de Peirce, não só se funda numa problematização da noção de Objeto, assegurando uma estreita aderência a uma realidade autônoma relativamente aos processos sígnicos, como considera que é o objeto que determina o signo. A semiótica, na perspectiva de Peirce, enquanto visão inteira, pressupõe uma filosofia da linguagem porque examina as condições e as regras sociais que regulam os atos comunicativos.

Os diferentes olhares que a análise semiótica possibilita sobre um dado objeto – neste estudo, o espaço e, mais precisamente, o espaço escolar – podem levar ao observador a compreender, nos diferentes espaços, as informações que transmitem, como são estruturados em sistemas, como funcionam, como são produzidos e utilizados, que tipos de efeitos de sentidos são capazes de provocar em quem os utilizam, que histórias e vivências e, quais ideias de espaço são correntes.

No conceito de arquitetura que Lúcio Costa (1995) oferece, pode-se notar alguns pontos de encontro com a visão de Peirce sobre espaço, notadamente quanto a aspectos semióticos de sua conceituação. “Ordenar e organizar espaços” são, no entender de Lúcio Costa, o “propósito primordial” da construção. Essa ordenação e organização dos objetos devem seguir uma determinada finalidade e uma determinada função. Como o produto dessa organização e ordenação com determinada finalidade e intenção resulta em um objeto, seja ele um edifício, na extensão mais ampla do termo, seja ele outro objeto qualquer dado, esse objeto construído terá tantos significados quanto interpretantes houver. (MONTEIRO, 2006. p. 71).

31 O CONCEITO DE ESPAÇO, SUA RELAÇÃO COM A LINGUAGEM E A ARQUITETURA

As questões concernentes ao conceito de espaço são pouco discutidas, pois o espaço, geralmente, não se conceitua, apenas se sente. Normalmente, não se pensa no espaço, mas nas coisas a serem alocadas em determinados locais. O Dicionário Aurélio trás vários significados e exemplifica-os, entre tantos, alguns correspondem bem às discussões propostas aqui:

1. Distância entre dois pontos, ou a área ou o volume entre limites determinados: O acidente com o pedestre resultou do estreito espaço da calçada. A casa foi construída num espaço pequeno. [...]. 6. Vagar, demora, delonga: A preparação da aula demanda maior espaço. [...]. Espaço arquitetônico. Arquitetura. Aquele que é gerado e limitado pelos elementos arquitetônicos, e no qual se manifestam, para quem nele demora, as diferentes dimensões da forma arquitetônica (visual, táctil, odorífica). [...] Espaço interno. Arquitetura. Aquele que é limitado por elementos edificados e coberto, como as salas, quartos, varandas e alpendres etc. [...]. (FERREIRA, 1999, verbete: Espaço)

Nas palavras de Carpintero (1986, p. 7), “o espaço é um vazio somente perceptível pelos cheios que o contém, cheios que, evidentemente, não são espaço”. Pode-se decorrer, então, que sua objetividade, ou subjetividade, o carrega de uma quase impossibilidade conceitual.

Para que se possa entender o espaço, ou mesmo alcançar informações mínimas que tragam possibilidades conceituá-lo, faz-se necessário transformá-lo em lugar informado.

É necessário ultrapassar aquela totalidade homogênea do espaço para descobrir seus lugares nos quais a informação se concretiza, na medida em que produz aprendizado e comportamento traduzido nos seus signos: usos e hábitos. (FERRARA, 1993, p. 153).

Além de Ferrara (1993) que identificou no espaço seus elementos definidores, Silva (1997) destaca as relações entre as formas sociais e o espaço, bem como suas qualidades essenciais.

Em primeiro lugar, as formas sociais podem ser ou não intrinsecamente dependentes do espaço (por exemplo, a forma nação é intrinsecamente dependente de um território). A consequência é que, da relação do grupo com seu território (proximidade ou exclusividade, isolamento ou pluralidade), se pode deduzir a sua estrutura. (SILVA, 1997, p. 86).

Todo o fazer humano é permeado pela linguagem em suas mais diferentes formas de expressão, e é a manifestação da linguagem verbalizada ou imagética, real ou virtual que traduz os conhecimentos, os saberes e o domínio do homem sobre o espaço. De fato, pois desde o seu nascimento o ser social, ou seja, o homem inserido em uma determinada sociedade, cria seu próprio “*modus operandi*” de percepção do espaço em concomitância com os demais estágios de sua formação. O reconhecimento desse espaço, enquanto lugar de pertencimento, dá a ele a sensação de aquisição de poder e de dominação.

A ideia de lugar origina-se de espaços orgânicos próprios do indivíduo, justo naquele estágio de desenvolvimento chamado, por Piaget, de sensório-motor. Daí decorre que o espaço, então, será caracterizado por uma consciência de “ação e de vivência”, uma vez que a sua percepção será conhecida através da ação do ser sobre si mesmo.

Pode-se, então, dividir o processo de apreensão do espaço em três níveis: a percepção (apreensão do real), a formação da imagem (motivação semiótica) e o relacionamento da percepção e da imagem com informações mais elaboradas. Esses níveis formam um movimento entre as estruturas figurativas e operatórias e atividades sensoriais empíricas, teóricas e abstratas que formam a base da aquisição de conhecimento, enquanto apreensão do espaço (PIAGET, 2002, p. 9-ss).

Carpintero, em seu trabalho “Sobre o Conceito de Espaço” (1986), demonstra que essas fases do desenvolvimento prescritas por Piaget, também existem quando da percepção do espaço. Ou seja, é no próprio desenvolvimento da criança que se dá a formação dos processos perceptivos do espaço. Para Piaget, no entender de Carpintero (1986, p. 42), é na ação, no movimento, movimento corporal, que reside a “base da própria construção do sujeito”. Um sujeito que, em sua inteireza, física e mental, articula movimento e linguagem como a base de sua ação em relação a si mesmo e aos espaços que ocupa e, tudo isso, em relação ao mundo.

Segundo Oliveira (1993, p. 48) “no significado da palavra é que o pensamento e a fala se unem em pensamento verbal”. Desse modo é que, ao se pronunciar uma palavra, evoca-se seu significado. O significado de cada palavra é uma generalização ou conceito. Estes, por sua vez, são atos de pensamento. Assim, considera-se os significados como fenômenos do pensamento.

Numa relação intrínseca, espaço e linguagem podem ser abordados de diferentes formas, entre tantas, duas chamaram mais a atenção para esta reflexão: a do campo da arquitetura, que toma o espaço como produto e objeto de trabalho do arquiteto, e a da linguística, que entende o espaço como sendo apenas espaço informado, ou seja, espaço

de interlocução entre os sujeitos falantes.

Entretanto, é importante ressaltar que a dimensão da linguagem é maior que a do espaço, isto é, o espaço físico arquitetônico é uma expressão da linguagem humana, em seu sentido mais amplo, assim como tudo que ele constrói semanticamente – enquanto estudo do significado que os seres humanos utilizam para expressarem-se através da linguagem – e pragmaticamente, ou seja, a linguagem a serviço da comunicação.

Como as questões relativas à linguagem aplicam-se aos diversos campos da expressão humana, é preciso limitar o campo de atuação da linguagem da arquitetura. Para isso, é preciso refletir sobre seu principal meio de expressão e de trabalho: este meio é o espaço. É no espaço (entendido em toda a sua amplitude de significados, não só o espaço cartesiano, mas também o espaço social, o espaço vivenciado pela experiência humana) que a arquitetura efetivamente se manifesta e no qual os seus elementos podem ser arranjados.

A linguagem da arquitetura é, portanto, o espaço. Os invólucros formais que o definem (as paredes de uma construção, por exemplo), do ponto de vista da linguagem, são considerados não um fim em si, mas um instrumento: as alterações que se fazem neles têm como fim a alteração do espaço como ente a ser percebido pelo homem.

A acepção linguística do entendimento do espaço é a do espaço informado que deve ser entendido como aquele onde o poeta, o linguista, ou mesmo o falante comum, toma como seu universo de discurso. No discurso linguístico, segundo Fiorin (2001) somente há espaço enquanto informação contida nele próprio. Para ele, “o espaço é um objeto construído a partir da introdução de uma descontinuidade numa continuidade” (FIORIN, 2001, p. 260). Assim, pode-se perceber a caracterização do espaço interior em oposição ao espaço exterior, da mesma forma como se dá na arquitetura.

No entendimento de Lúcio Costa (1995), o domínio de uma certa linguagem arquitetônica, ou da própria arquitetura enquanto ação de “ordenar e organizar espaços”, envolve o reconhecimento de que a criação arquitetônica surge a partir das relações formais e pragmáticas dos elementos a serem trabalhados, e que diferentes formas de organização das informações existentes resultam em produtos mais ou menos adequados a uma certa “intenção” e “finalidade”.

Portanto, numa obra de arquitetura, os elementos da linguagem arquitetônica, utilizados em sua composição, se dão pela relação entre seus elementos e o todo, de modo a apropriar-se dos sentidos que lhe são atribuídos e dos mecanismos de significação desses espaços que são constituídos como resultado de condicionantes sociais ao longo do tempo, ou seus estereótipos sociais.

Bruno Zevi, em “Saber ver a Arquitetura” (1996), assevera que um edifício não é a soma de comprimento, largura e altura de seus diversos elementos, ele é o conjunto das medidas do vazio, do espaço interno, no qual os homens andam e vivem. Com o edifício escolar não poderia ser diferente, já que a educação sempre foi a mola motriz

que impulsiona os homens na busca de melhores condições de vida, ainda que seja para pequenos grupos sociais.

A arquitetura moldou os anseios e as necessidades da sociedade, notadamente urbana em seus primeiros tempos. Com o crescimento dos aglomerados urbanos, e o conseqüente surgimento de uma nova sociedade, os espaços foram se adaptando ao ideário das cidades, um interagindo com o outro, muito das vezes sem perceberem essa simbiose. Os coletivos urbanos se desenvolveram em diferentes eixos, mas não é forçoso admitir que as sociedades buscaram na educação o modelo básico para impulsionar seu desenvolvimento.

O Brasil desde sua descoberta, como colônia Portugal e por muito tempo depois, importava os modelos arquitetônicos dos povos que aqui aportaram. Muitas vezes, esses modelos não eram adequados para o clima e menos ainda para a forma de vida estabelecida num país tropical, mas a arquitetura dos espaços educacionais era idealizada conforme os costumes dos povos que colonizaram determinadas regiões do país. Muitos edifícios ainda subsistem até nos dias de hoje como espaços educacionais ou transformados em museus.

A linguagem que perpassa aos modelos arquitetônicos é a linguagem dos costumes e da tradição, isto é, daquilo que se compreende como o ideal para determinado tempo e lugar. Essa linguagem envolve todos os signos, ícones e símbolos que compõem um objeto (prédio escolar) construído, o que representa, também, o ideário das políticas públicas vigentes, e suas expressões conscientes.

A dimensão da ação consciente, apresenta, portanto, uma tríplice natureza, qual seja: a própria consciência (pensamento), os sentimentos (afetos) e a vontade (motivação), ou seja, consciência do pensamento, dos sentimentos e da vontade. Da mesma forma, a tríade professor, aluno e conhecimento, está interligada entre si como um fio profundamente tecido na trama do pensamento e da vontade, enquanto mediada pelo espaço escolar, responsivo e participativo no processo educacional.

Assim, enquanto processo, essa tríade se apresenta dinâmica, pois configura-se como constructo das ações desenvolvidas no interior das relações sociais que margeiam o ser social, imbricado de desejos de conhecimento. Essa dinamicidade dos processos tem estrita relação com o desenvolvimento dos espaços escolares ao longo da história das sociedades humanas, que modifica e molda seus atores num processo cíclico de resignificação.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo desta reflexão foi o de analisar a dinâmica da significação do espaço e sua conceituação, cotejando os assuntos pertinentes as áreas da educação e da linguagem em seus sentidos amplos. Assim, com base nos autores citados, buscou-se conceitos que abarquem a semiótica e a ciência arquitetônica com olhos de educador,

voltados ao modo de fazer a educação em seu lugar primário, a escola.

O modo de fazer a arquitetura escolar de uma sociedade está intimamente ligada a sua forma de pensar, de modo que, ao longo da história, ela foi pensada segundo determinados conceitos de cada época, apresentando, cada qual, um sistema de valores que representam a postura que se pretende daqueles que se utilizam de seu espaço, e que nele convivem.

Superado as questões relacionadas ao conceito de espaço, enquanto problemática, a arquitetura se presta a pensar e a propor o espaço escolar, devendo voltar-se ao comprometimento para com as políticas públicas, no âmbito educacional, com vistas ao incremento da qualidade da aprendizagem, desbravando esteiras que levem a ultrapassar os limites impostos pela valorização da educação.

O estudo do espaço escolar, e das formas construídas e sua relação com os conceitos que subjazem ao espaço dentro de um processo educacional, mostra-se como instrumento facilitador da compreensão de uma educação coletiva ambientada nos diferentes constructos do espaço escolar, seus eixos ordenadores e as conexões existentes no estudo das múltiplas situações da escola. Assim, o espaço educacional revela uma paleta simbólica que fornece subsídios para a compreensão de experiências, individuais e coletivas, e as suas relações intrínsecas, imbricadas em sua representação social. Dessa forma, a escola deve afigurar-se como lugar de articulação, não por seu conteúdo formal, mas por sua qualidade formativa e de melhoria educacional.

Este é um desafio constante no ideário do educador e do arquiteto: um espaço escolar capaz de promover possibilidades de ações educativas. Sim, já que um arquiteto educador vê, de forma muito nítida, a intersemiose existente e inseparável que cruza linguagens, códigos, recursos, espaços e meios.

Nesse sentido, pode-se dizer que os modelos arquitetônicos dos espaços escolares, cujas estruturas, antes pensadas para a ambientação, socialização e integração das pessoas conviventes naquele espaço, hoje, precisaria passar por modificações, para atenderem ao requisitado para a convivência por conta da pandemia do Covid-19. Espera-se, porém, que este contexto de afastamento social seja superado o quanto antes, para que a arquitetura do espaço escolar volte a representar um ambiente informado: a escola. Um lugar onde transita a alegria, a socialização, a informação e a construção de conhecimentos.

REFERÊNCIAS

CARPINTERO, Antônio. C. Cabral. **Sobre o Conceito de Espaço**. Trabalho apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Estruturas Ambientais da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, Junho/1986

COSTA, Lúcio. Considerações sobre arte contemporânea. In: **Lúcio Costa, Registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. **Olhar Periférico**. São Paulo, EDUSP, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIORIN, José Luiz. **As Astúcias da Enunciação**. 2 ed. São Paulo: Ática. 2001.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P; RABINOW, H. D. **Michel Foucault: Uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995

MONTEIRO, Marcos Rafael. **Notas para a Construção de um Diálogo entre a Arquitetura e a Semiótica**. [Dissertação de Mestrado]. Universidade de Brasília – UnB, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (PPG-FAU), 2006.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993. Série Pensamento e ação no magistério.

ORTIZ, Renato. **Walter Benjamin e Paris – individualidade e trabalho intelectual**. Tempo Social, USP, São Paulo, v. 12, n. 1, 2000.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e Filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1972

PIAGET, Jean. **Epistemologia Genética**. Tradução de Álvaro Cabral; Revisão de Tradução Wilson Roberto Vaccari. 2ª ed. São Paulo, São Paulo. Martins Fontes, 2002.

SANTAELLA, Lúcia. **Teoria Geral dos Signos**. Como as Linguagens Significam as Coisas. São Paulo: São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2004

SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. **A Construção de Brasília, Modernidade e Periferia**. Goiânia, Ed. da UFG, 1997.

SVENSSON, Frank. **Arquitetura: Criação e Necessidade**. Brasília. DF. Ed. Universidade de Brasília, 1992.

ZEVI, Bruno. **Saber Ver a Arquitetura**. Tradução de Maria Isabel Gaspar, Gaëtan Martins de Oliveira. 5. ed. São Paulo, São Paulo. Martins Fontes, 1996.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Andina 184, 185, 189

C

Construções 69, 76, 82

Cultura 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 17, 20, 22, 26, 36, 37, 38, 40, 41, 49, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 73, 74, 75, 81, 84, 85, 86, 87, 88, 94, 100, 117, 119, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 134, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 167, 168, 184, 192, 196, 207, 209, 218, 220

D

Diálogo 5, 9, 65, 113, 143, 144, 145, 146, 147, 152, 153, 159, 191, 204, 205, 206, 209, 214, 215, 216, 217

Discurso 22, 33, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 66, 67, 72, 78, 81, 106, 110, 111, 116, 122, 126, 138, 141, 145, 146, 147, 153, 154, 172, 184, 201, 211, 216, 219

E

Ecocrítica 37, 38, 50, 220

Escravidão 7, 19, 30, 55, 60, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 133

Espaço escolar 193, 195, 196, 198, 202, 203

F

Feminino 15, 36, 69

Futebol 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135

H

História 2, 3, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 28, 31, 36, 40, 44, 45, 46, 51, 53, 55, 56, 57, 58, 62, 67, 71, 73, 74, 80, 81, 82, 84, 85, 87, 94, 95, 96, 100, 103, 106, 111, 112, 113, 115, 119, 120, 122, 126, 127, 128, 129, 134, 140, 148, 151, 152, 155, 158, 161, 169, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 194, 197, 202, 203, 208, 209

I

Identidade cultural 1, 4, 6, 7, 10, 11, 12, 14, 68, 71

Ideologia 39, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 126

Intertexto 144, 145

L

Letras 2, 12, 16, 23, 36, 73, 88, 94, 102, 108, 110, 111, 136, 138, 156, 157, 168, 170, 182, 183, 218, 220

Linguística 63, 64, 66, 71, 72, 73, 145, 146, 200, 201, 220

Literatura 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 38, 40, 41, 62, 63, 64, 65, 67, 70, 71, 73, 74, 75, 78, 83, 84, 85, 87, 88, 90, 100, 101, 104, 108, 110, 111, 112, 113, 116, 125, 128, 131, 133, 134, 136, 141, 142, 143, 145, 156, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 173, 174, 175, 182, 184, 185, 191, 192, 220

M

Memória 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 43, 51, 53, 54, 57, 60, 61, 74, 81, 86, 87, 93, 97, 146, 158, 160, 164, 167, 192

Miséria 101, 102, 104, 110, 185, 189

Mitologia 184

P

Poesia 13, 122, 136, 138, 140, 141, 142, 185

Política 19, 21, 42, 52, 60, 72, 75, 77, 86, 100, 103, 105, 107, 109, 112, 113, 124, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 178, 179, 192

Portugal 27, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 202, 207

Pós-colonialismo 25, 26, 30

Prosa 24, 65, 141, 182

Prostituição 109, 112, 113, 114

R

Representações 23, 85, 102, 106, 195, 196, 197, 198

Resistência 13, 17, 19, 21, 22, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 44, 77, 189

S

Simbolismo 32

Sociologia das ausências 205, 206, 207, 208, 209, 210, 213, 218, 219

T

Teatro 113, 138, 140, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 181, 182, 183

Transgressão 9, 32

Turismo 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora

Ano 2021

Letras:

Representações, Construções
e Textualidades

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora

Ano 2021